

Um pulo ao lado de Manaus

ANA CLAUDIA JATAHY/MTUR



Encontro do Rio Negro e Solimões é um dos passeios

Ter o primeiro contato com a floresta nativa pelo Musa é uma ótima oportunidade para quem nunca esteve na Amazônia. Numa parte da trilha até a torre, fomos orientados a não encostar direto nas árvores, porque podem ter aranhas, por exemplo. Também a não andar nas margens das trilhas, onde não é possível observar se há serpentes ou outros bichos rastejantes. Principalmente, aprendemos a ouvir a floresta. Apesar dos bichos estarem escondidos com a chuva, os barulhos eram muito persistentes e nosso som também poderia influenciar na vida dos animais.

Essas dicas e esse treinamento numa parte controlada da reserva me preparou para o próximo programa, em Presidente Figueiredo, cidade vizinha à capital, onde passei o dia dentro da Amazônia. Dessa vez, o nível de dificuldade das trilhas era um pouco maior, somado com a escorregadia terra molhada, partes mais íngremes e descidas sem muito apoio.

A principal dificuldade, sem dúvidas, foi o clima abafado da região. Mesmo no chamado inverno e com chuva refrescante, ainda fazia muito calor debaixo das copas das árvores, tão fechadas que não deixavam o vento nem a chuva passar - o que foi, em parte, muito bom, já que as árvores seguravam parte da água e não nos deixavam completamente encharcados.

Ao longo da temporada de verão regional, com o clima seco, o calor pode

piorar. Embora existisse certa dificuldade em lidar com o tempo ruim. Há um ponto positivo para anotar: a chuva e os dias nublados amenizam essa sensação térmica.

A primeira parada do dia em Presidente Figueiredo foi na Caverna do Maroaga e na Gruta da Judeia, localizadas na mesma reserva ambiental. Em alguns momentos do percurso, o acesso ocorre por trilha alagada; aqui é obrigatório o uso de sapatilhas aquáticas. Ambos os pontos turísticos são conhecidos pelas formações rochosas, pelas quedas d'água e pelos morcegos que se aproveitam da escuridão.

O que mais ouvi foi canto de ave, principalmente do capitão-do-mato, conhecido também como cricriú, o que muitos dizem ser o "som da Amazônia", com canto alto e fino. Durante a trilha, um dos momentos mais simbólicos foi encontrar uma árvore marcada

pelas garras de onça-pintada. Os troncos com arranhões profundos e compridos deram a dimensão real desse mamífero - e frio na barriga.

Cachoeira e lagoa

Seguindo o roteiro na cidade, a Cachoeira de Iracema é outro ponto turístico conhecido, que estava com correnteza forte e quedas d'água mais cheias por causa do período chuvoso. Mesmo assim, contava com várias partes rasas entre as pedras, onde é possível se banhar com mais segurança.

O último trecho visitado foi o Rio Vermelho e a Lagoa Cristalina, essa bem diferente das correntezas da cachoeira, parece ser uma piscina no meio da floresta, com água azul e areia branca. O passeio pelas agências de turismo da cidade, com guia local, custa entre R\$ 450 e R\$ 550 por pessoa, para uma excursão de aproximadamente oito ho-

Encontro entre Rio Negro e Solimões a 13 quilômetros da capital

A cerca de 13 km de Manaus navegando pelo Rio Negro está um dos fenômenos mais conhecidos da Amazônia: o encontro com o Rio Solimões. A diferença de temperatura, de densidade e de velocidade entre eles faz com que não se misturem imediatamente, deixando a água dividida com uma parte mais escura, do Negro, e outra barrenta, do Solimões.

É nesse ponto que começa a formação do

Rio Amazonas, que vai desaguar no Atlântico entre o Pará e o Amapá. Embora a diferença de cores seja mais nítida no verão amazônico, o Encontro das Águas é visível o ano inteiro, então, mesmo na época de cheia e chuva, foi possível ver com clareza a divisão.

Durante o passeio de barco, é comum que os guias peçam para os turistas colocarem a mão na água enquanto o barco navega na divisa dos dois rios, para

perceber as diferenças, principalmente de temperatura: há um choque ao sair do Rio Negro e sentir o Rio Solimões muito mais frio e denso. Esse percurso onde as águas ainda estão divididas se estende por cerca de 6 km.

O passeio, que custa em média R\$ 200 por pessoa e dura uma manhã, tem parada para almoço em um dos restaurantes ribeirinhos das comunidades próximas do Rio Negro. Na mesma



Rio Vermelho em Presidente Figueiredo

ras de duração passando por esses pontos e incluindo almoço em um restaurante local.

A pedida para finalizar o dia de imersão na floresta foi o jantar no Banzeiro, que possui uma filial em São Paulo, incluída pelo Guia Michelin em sua lista Bib Gourmain, categoria designada à casa com a melhor relação qualidade-preço. O restaurante do chef Felipe Schaedler é referência em gastronomia amazônica, lugar para provar sua famosa receita de formiga saúva com espuma de mandioquinha. O cardápio conta com pratos bem servidos, entre eles, tambaqui com crosta de castanha e banana assada, pirarucu gratinado, moqueca de banana, camarão e tacacá.



região, que é chamada de zona de várzea, porque fica metade do ano alagada - no inverno amazônico -, está a sumaúma, conhecida como a árvore-mãe da Amazônia pelas suas raízes grandes. Mesmo no período chuvoso, quando geralmente as raízes ficam cobertas pela floresta alagada, ainda foi possível conhecer a árvore antes da cheia do rio. No Musa, também pode ser vista uma sumaúma em uma das trilhas.

A Paris dos Trópicos

Saindo da parte verde e voltando para a ilha urbana do Amazonas, o passeio histórico e cultural por Manaus revela um tempo de ascensão econômica da cidade e forte influência europeia. Uma das construções mais imponentes de Manaus e provavelmente será a primeira coisa a se observar, caso você se hospede no Centro, assim como eu: o Teatro Amazonas, com a cúpula em verde e amarelo e paredes em tom de rosa.

Com referências renascentistas, preserva a arquitetura eclética da época do Ciclo da Borracha, o mesmo a se observar no Palácio Rio Negro. Antiga sede do governo do Amazonas, a construção hoje também é tombada como patrimônio cultural e concentra exposições gratuitas. No teatro, os ingressos custam R\$ 20.

Manaus foi apelidada de Paris dos Trópicos, no auge de seu desenvolvimento econômico entre o fim do século 19 e início do 20, apogeu da extração da borracha. Não à toa, boa parte dos materiais para a construção do Teatro Amazonas, considerado símbolo desta época, veio da Europa.

O interior da cúpula,

Porto e mercado municipal

Também no Centro, o Porto Escadaria dos Remédios, conhecido hoje como Escadaria da Manaus Moderna, ainda é o principal acesso à capital para outros municípios e comunidades do Rio Negro. Foi um marco no desenvolvimento da cidade durante o Ciclo da Borracha pelo elo comercial que representou.

Nas embarcações tradicionais na Amazônia, geralmente com mais de um andar, é comum ver redes penduradas onde os viajantes dormem enquanto levam dias até chegar aos seus destinos. Os barcos trazem não só pessoas, mas as mercadorias que abastecem o Mercado Municipal Adolpho Lisboa.

Farinha de tapioca, camarão seco, geleia de açaí e cachaça de jambu

acima do palco e da plateia, foi inspirado no desenho da Torre Eiffel, como se o monumento francês emergisse do teatro para quem olha debaixo. O Salão Nobre, no segundo andar, onde eram realizados os grandes eventos sociais da época, oferece uma imersão renascentista, pintado das paredes até o teto pelo italiano Domenico de Angelis.

E tem, ainda, os detalhes curiosos. Debaixo dos assentos, existia um "sistema de ar-condicionado" natural. A massa de ar frio entrava por discos metálicos posicionados no chão, entre os lugares da plateia; e por cima, na cúpula, o ar quente saía por algumas aberturas circulares.

Na rua ao lado do teatro, feita de paralelepípedo, é possível observar uma parte mais escura que a outra, preservada ainda do século passado: eram os paralelepípedos revestidos de borracha, para evitar que o barulho das carruagens atrapalhasse o espetáculo dentro do prédio. Outro aspecto imperdível é a maquete feita de Lego, réplica do Amazonas enviada da fábrica na Dinamarca, quando a empresa inaugurou uma sede na cidade, na década de 1980.

são exemplos de produtos regionais encontrados no mercado. Há muito artesanato, também: pulseiras e cordões feitos de sementes, bolsas e artigos de decoração de palha e madeira, sabonetes e esfoliantes naturais, brinquedos, como um apito com regulador que imita som de pássaros.

É interessante que o Mercado tenha duas fachadas completamente distintas: a de frente para o Rio Negro, que abriga um restaurante de frutos do mar, é simples e industrial; e a virada para a cidade revela a identidade do Ciclo da Borracha. Tem arquitetura semelhante a de outras construções antigas mencionadas acima, mas com uma pitada de art-nouveau, influência europeia também importada para a Paris dos Trópicos.